

A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ CRAVEIRINHA E LOBIVAR MATOS

Luana Soares de SOUZA MeEL –
Universidade Federal de Mato Grosso
E-mail: lusoares90@gmail.com

Resumo: Uma das recorrências presente na escrita poética de José Craveirinha (Moçambique) e Lobivar Matos (Brasil) é a oralidade. Quando o poeta opta por produzir retomando os costumes do povo ele está reafirmando a cultura oral na transmissão de conhecimento. Nessa comunicação abordaremos os poemas “Karingana ua Karingana” (*Karingana ua Karingana*, 1974) de José Craveirinha e “Destino do poeta desconhecido” (*Areôtorare*, 1935) estabelecendo as relações entre eles. Buscamos discutir, também, a confluência entre esses dois escritores que estão distanciados em tempo e espaço, mas que possuem relações dialógicas em sua escrita poética. Os poetas abordam a vida daqueles que estão à margem da sociedade: lavadeiras, negras, mendigos, engraxates entre outros. Os poemas lobivarianos e craverianos possuem relações convergentes tanto na escrita, quanto na temática e estilo. Os poetas estudados não estão fossilizados no tempo. Eles são precursores do novo, do amanhã e da liberdade, no anseio de um mundo melhor, e denunciam as dores e angústias do povo esquecido. Essas dores são expostas em ambientes degradados pela miséria, pela fome e pela injustiça. As casas, lugares, bairros são deformados juntamente com os homens, as mulheres, as crianças que ocupam esse espaço de degradação.

Palavras-chave: Oralidade; Poesia; Moçambique; Brasil.

No fazer poético o poeta capta o momento indizível tornando o poema singular, plural, particular e universal. O poema em si é dialético, pois, apreende movimentos na sua totalidade e unidade, funde os contrários e penetra até chegar aos níveis poéticos mais profundos.

Esses momentos de pura individualidade e ao mesmo tempo de coletividade que escorrem pelo papel do poeta tornam-se não mais palavras significantes. Elas se transmutam para outra dimensão que foge da sua própria historicidade. Para Octavio Paz, no livro *Signos em Rotação*:

A palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva mais além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades. A poesia parece escapar à lei de gravidade da história porque nunca sua palavra é inteiramente histórica.

PAZ, 2009, 56

As palavras de um povo revelam muito sobre sua história, trajetória, luta e memória. Na arte quando o falar desse povo se manifesta nos encontramos diante dois eixos que se fundem: uma história carregada de significado e uma outra história permeada pelo indizível.

José Craveirinha, poeta moçambicano, e Lobivar Matos, mato-grossense, atingem esses graus de profundidade cada vez mais elevados em seu fazer poético. Esses poetas captam toda uma história particular de um povo tornando-a histórias universais que fogem dos sentidos puramente expressivos.

Craveirinha é profeta da terra, da mãe, do mendigo, do corpo, da memória, da criança, do negro. Poeta do instinto, da fome, da noite e da manhã. É poeta de um povo que ali está

para servi-lo; servi-lo de imagens, de ritmos, de cores e de música. Diante de tantos elementos a serem mastigados na obra de Craveirinha, iremos nos ater a oralidade, característica que transborda em seus poemas.

A oralidade na produção de Craveirinha se apresenta de duas formas: a presença do ronga (uma das variantes linguísticas de Moçambique) e da língua portuguesa. Essas formas que se plasmam na poesia de José Craveirinha possuem algumas razões. O poeta era filho de pai português e mãe moçambicana. Sendo a segunda criada em berço africano (país colonizado), e o primeiro pertencente a Portugal (país colonizador) criando, pois, uma dicotomia que percorre vários de seus poemas a exemplo de “Mãe” e “Ao meu belo pai emigrante” publicados na obra *Karingana ua Karingana*. Sobre o português e as línguas orais dos países africanos colonizados por Portugal, Benilde Caniato discorre sobre a relação da preservação histórica das línguas dos povos africanos que se fundem a língua portuguesa, resultando assim, em uma mistura linguística:

A norma estabelecida nas escolas, meios de comunicação e textos oficiais tem sido a norma-padrão do português europeu. Por não ser a língua materna de grande parte da população, mas língua segunda, ocorrem desvios, interferências, empréstimos. Criam-se, então, novas normas, que não coincidirão com as do português-padrão, angolanizando-se, caboverdianizando-se, moçambicanizando-se, etc, enfim, re-nacionalizando-se na linguagem oral e na escrita.

CANIATO, 2002, 137

Logo, existe uma relação entre essas línguas e essa relação se estende para o campo poético nos “desvios, interferências, empréstimos”. Na vasta produção de Craveirinha nos deparamos com expressões moçambicanas como “mangondo”, “mampsincha”, “machimbombos” entre outras que se confluem com a língua portuguesa. Entretanto, para alguns estudiosos essa confluência não se dá de forma pacífica. Para Ribeiro, o poeta se coloca em uma posição de ofensiva diante do ronga e da língua portuguesa:

“(...) a posição clandestina adotada pelo sujeito poético inscreve a lírica do autor sob a égide desse barroquismo estético e revolucionário, cuja consciência da necessidade de contaminar a língua do colonizador determinou a dicção erótica, guerreira, vibrante, áspera, luxuriante, da qual é depreendido um roçar nervoso de vocábulos, escritos em ronga, que se atritam insubmissos, com a língua portuguesa.”

RIBEIRO, 2002, 46

Os usos das expressões linguísticas moçambicanas e da língua portuguesa se permutam em um movimento de tensionamento. O escritor busca conservar os costumes de seu povo resgatando a fala que, como dissemos no início desse trabalho, revela a história, trajetória, luta e memória desse povo.

A oralidade em Craveirinha resgata os costumes que foram esmagados pela colonização a exemplo do poema “Timbileiros” da obra *Karingana ua Karingana* em que o autor descreve os tocadores de timbila que tocam pela Zavala (região famosa pelos timbileiros). No poema “Karingana ua Karingana”, Craveirinha faz esse tipo de resgate cultural e histórico, como se proferisse o futuro.

Este jeito
de contar as nossas coisas

à maneira simples das profecias

- Karingana ua Karingana –
é que faz o poeta sentir-
se gente.

E nem
de outra forma se inventa
o que é propriedade dos poetas
nem em plena vida se transforma
a visão do que parece impossível
em sonho do que vai ser.

- Karingana!

(*Karingana ua Karingana*, Craveirinha, 1974)

Vemos que Craveirinha utiliza a expressão “Karingana ua Karingana”. Essa expressão não possui tradução literal para a língua portuguesa, embora, por aproximação, possa dar o sentido de “era uma vez”. É como se Craveirinha dificultasse o entendimento do colonizador mediante ao ronga, dialeto que pertence ao povo moçambicano.

A expressão moçambicana é de pura musicalidade. Essa musicalidade criada pela expressão se confunde com a língua portuguesa. Nos versos “de contar as nossas coisas / à maneira simples das profecias” trazem aliterações, mesmo na última palavra “profecias” em que a letra C tem som de S. Esse repetido som (S-S-S) nos remete a oralidade. O poeta está sussurrando em nossos ouvidos, contando as *nossas coisas*, à *maneira das simples profecias*. Os versos “nem em plena vida se transforma / a visão do que parece impossível / em sonho do que vai ser” também produzem o efeito oral. Assim, Ana Mafalda Leite descreve a sensação causada pela escrita poética de José Craveirinha:

“Ler Craveirinha é de certo modo fazer trabalhar o nosso corpo, fazê-lo partilhar de uma prática oral que vai ecoando até formar um imenso tecido sonoro. A sua poesia pressupõe uma enunciação em voz alta que pode até assemelhar-se a uma recitação encantatória, vibrante e suporte fundamental da palavra oral e da memória rítmica da língua mãe. Sendo o ronga a língua primeira do poeta, esse fundo rítmico de base por certo sofreu oscilações à medida que se foi operando a travessia para a outra teia da língua portuguesa.”

LEITE, 2002, 27

Nos versos “e nem / de outra forma se inventa / o que é propriedade dos poetas / nem em plena vida se transforma”, o eu-poético joga com o seu ofício. Assim, o fazer poético, que é o manuseio da linguagem, trabalho próprio dos poetas, não pode se transformar em vida, pois, a poesia transcende a realidade. O instante captado pelo poeta não pode ser cristalizado, pois este é indizível, como bem aponta Octavio Paz (2009).

Craveirinha se reconhece em sua gente. Observa costumes, danças, fala e compartilha desse mundo. Esse movimento de reconhecer-se no outro é o que Octavio Paz chama de “outridade”:

“Não existe interior nem exterior, assim como não há um mundo diante de nós: desde que somos, somos o mundo e o mundo é um dos constituintes de

nosso ser. O mesmo ocorre com as palavras: não estão nem dentro nem fora, mas são nós mesmos, fazem parte de nosso ser. São nosso próprio ser. E por

fazerem parte de nós, são alheias, são dos outros: são uma das formas de nossa “outridade” constitutiva.”

PAZ, 1982, 217

A outridade, esse movimento de reconhecer-se no outro, perpassa toda a poesia de Craveirinha. Ele se reconhece na natureza, nos meninos, na rua, nas formigas, nos sataconhos. Para além de se reconhecer, o eu-poético transcende o próprio valor histórico de suas palavras. Consequentemente, o caju nunca é só caju, e a formiga nunca é só formiga. Esses elementos se transferem para outra dimensão: a dimensão poética.

A visão do sonho impossível que está por vir também faz parte dessa outridade. A esperança que o poeta obstinado teima em profetizar é o novo para todo o povo. Mesmo em tempos difíceis, em que as coisas parecem impossíveis, o eu-poético tem a visão do que vai surgir. A captação do instante – própria do fazer poético - proporciona a visão do novo, da esperança, da utopia para a sua gente.

O poema é encerrado com a expressão “Karingana”. É como se a sua profecia se encerrasse aí. Seu presságio está lançado. Foi rogada a maldição: a maldição poética que deixa de ser individual, tornando-se, agora, coletiva.

Lobivar Matos, poeta-matogrossense, também percorre os caminhos de sua gente: os índios, os garimpeiros, os engraxates, as negras, os roceiros, as lavadeiras. É no cotidiano que ele encontra terreno fértil para captar o instante. Os personagens que englobam a saga do poeta são o mundo. Esses personagens transbordam as margens do território mato-grossense. Para Carvalho os personagens do poeta são universais:

“Esta historicidade está presente em Sarobá, cujos poemas, muito embora digam respeito a um bairro de sua cidade, ganham, não obstante, uma inegável universalidade pois o retrato que traça da angustiante situação dos seres iluminados por sua expressão poética são as mesmas circunstâncias históricas que permeiam a vida de milhões de homens e de mulheres humilhados por um sistema social injusto.”

CARVALHO, 2008, 41

No poema “Destino do poeta desconhecido” verificamos todos os aspectos poéticos recorrentes nos poemas do Lobivar. Desde as paisagens, passando pelos personagens, até o desfecho desse incansável caminho: o destino do poeta.

Andei de cidade em cidade
Caminhei por vilas, grutas e montanhas
Atravessei riachos, pantanais imensos
Venci, afinal, todas as distâncias
Com o mesmo heroísmo selvagem
Da minha tribo, forte e guerreira

A ilusão é minha amiga e meu consolo.

Trago comigo o grito aterrorizante
De um povo oprimido dentro de si mesmo.

A coragem dos homens rudes de minha terra
Lateja em mim,
Palpita no meu sangue

E vibra, voluptuosa, em todo o meu ser.

A vida me embriaga e me aborrece.

(*Arêotorare*, Lovibar Matos, 1935)

Como já dissemos no parágrafo anterior, esse poema é a síntese da obra de Lobivar, pois, aponta a natureza como extensão do homem, a adoração ao seu povo e sua *tribo forte e guerreira* e a discussão do próprio manuseio com a linguagem como veremos posteriormente.

Os elementos naturais em LM nunca são apenas elementos naturais. Eles ultrapassam a realidade e, ao fim da travessia, encontram aconchego na dimensão poética: os rios, *que são espelhos líquidos*, a noite, *que é sucuri traiçoeira*, a enchente, *que a natureza pintou com o pincel das chuvas*, versos citados da obra *Arêotorare*. Os elementos naturais não estão estáticos. No poema observamos a presença dos elementos naturais como *vilas, grutas, montanhas, riachos e pantanais*. Esses elementos não são puramente alegóricos. Quando o eu-poético inscreve esses elementos na poesia, ele está perpetuando a memória de um povo que se reconhece como extensão da natureza.

Assim como Craverinha, no poema *Karingana ua Karingana*, Lobivar também faz menção ao manuseio com a linguagem, que é própria do poeta. No verso “a ilusão é minha amiga e meu consolo”, ele faz referência à poesia, que é ilusão. A arte transcende e é nessa transcendência que LM se consola. Existe uma dicotomia apresentada pelo eu-poético: a ilusão (que é amiga e um consolo) e a vida (que embriaga e aborrece). Essa é a dualidade vivida pelo poeta, que vive entre a fantasia e a realidade. Segundo Paz:

“A experiência poética não é outra coisa que a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente a sua liberdade essencial. Se a liberdade é movimento do ser, transcender-se contínuo do homem, esse movimento deverá estar referido a algo.”

PAZ, 2009, 57

Logo, o poeta vive nessa dicotomia que se plasma: o eterno transcender-se e a realidade em que vive. Essa dicotomia comparece nos poemas do poeta estudado. O verso “trago comigo o grito aterrorizante” alude a essa tormenta vivida pelo poeta que traz consigo, no seu fazer poético, o grito real desse povo oprimido.

LM compartilha, como Craveirinha, dos feitos de sua gente. Esse movimento de outridade, como vimos anteriormente, também percorre toda obra de Lobivar. Esses personagens em que o poeta se reconhece são sua própria extensão, são parte dele. Sem o povo sofrido, o poeta fica incompleto, como vemos no verso “da minha tribo forte e guerreira”.

No verso “lateja em mim / palpita no meu sangue”, as palavras *lateja* (la – te – ja) e *palpita* (pal – pi – ta), por si só, aludem a sensação de vibração, pulsação e batimento. Alfredo Bosi, no livro “O ser e o tempo da poesia”, discute o processo de sonorização nas palavras sobre fonema /u/ que causa sensações subjetivas. Ele afirma que:

“Estamos diante de um processo pelo qual se associam, no corpo-que-fala, dois movimentos: a) a sensação (e, às vezes, o sentimento) que o objeto é capaz de provocar; no caso, a escuridão e a angústia que a imagem de uma tumba produz, em geral, no ser humano; e b) a sensação interna, que o mesmo sujeito experimenta quando articula uma vogal fechada (...)”.

BOSI, 2000, 61

Perante esse exemplo, verificamos que as palavras quando combinadas com outros elementos estilísticos nos versos carregam certas sensações. As palavras utilizadas pelo poeta (*lateja e palpita*) não estão deslocadas no poema. Elas estão inseridas para que o leitor sinta o palpitar do sangue no ser do poeta.

Constatamos, portanto, que Lobivar e Craveirinha são poetas que se reconhecem no outro. O sofrimento do negro, do índio, da criança se conflua com a noite, o bairro, os cajueiros, as alamedas. Homem e natureza são inseparáveis, fazem parte de um só ser. A dimensão particular vivida pelo poeta no ato do fazer poético, ao fim, se torna uma experiência coletiva e inesgotável. Transformando uma “matéria” particular em experiência coletiva, o poeta resgata e preserva os feitos de sua gente: seus costumes, suas danças, sua oralidade. Os poetas José Craveirinha e Lobivar Matos envolvem nosso corpo com a linguagem, a sonoridade, as imagens, as cores e os ritmos. Inscrevem nosso ser na cadência das timbilas e nosso sangue pulsa na visão que nem em plena vida se transforma.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Marinei. *Manoel de Barros e José Craveirinha: Um Diálogo Intertextual* In SILVA, Agnaldo Rodrigues da. (org). *Diálogos Literários: Literatura, Comparativismo e Ensino*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

CANIATO, Benilde Justo. *Língua portuguesa e línguas crioulas nos países africanos* In Via Atlantica. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 5. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2002.

CARVALHO, Carlos Gomes de. *A poesia em Mato Grosso*. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.

CRAVEIRINHA, José. *Obras Poéticas*. Maputo: Direção Cultural da Universidade Eduardo Mondlane, 2002.

LEITE, Ana Mafalda. *A fraternidade das palavras*. In Via Atlantica. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 5. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2002.

MATOS, Lobivar. *Areôtorare*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.

MATOS, Lobivar. *Sarobá*. Rio de Janeiro: Minha Livraria, 1936. PAZ,

Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. PAZ,

Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

PERRONE-MOISÈS, Leyla. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RIBEIRO, Tindó. *A apoteose da palavra e do canto: a dimensão “neobarroca” da poética de José Craveirinha*. In Via Atlantica. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 5. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2002.

VIA ATLANTICA. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo – n. 5. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2002.

